

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

55) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (MAIO 19, 1838)



POVO RUSSIANO.

POVO RUSSIANO.

2.^o

JÁ EM O 1.^o N.^o deste jornal démos uma idéa abbreviada do estado social e moral do povo russo: acrescentaremos hoje algumas noticias para que melhor se conheça o viver desta gente. Os servos, de que então fallámos, dividem-se presentemente em duas classes; os que pertencem á corôa, e os que são dos nobres. Entram no numero dos primeiros os aldeões que habitam em dominios do estado, que podem considerar-se como propriedade nacional; e os que em outro tempo dependiam dos bispos, conventos, e egrejas &c., dos quaes o estado tomou posse em 1764. Os vassallos da corôa gozam d'alguns direitos, que não teem os servos da nobreza; porque podem dispor livremente dos seus bens moveis, e dos productos de suas terras e industria. Um decreto do imperador Alexandre, em 1801, lhes facultou adquirir bens rusticos, porém sem servos, e exercitar, com previa permissão, toda a casta d'officios, e até o darem-se ao commercio. Vivem communmente em grandes aldeas, debaixo da inspecção dos mais anciãos, chamados *starostes*, os quaes recebem as contribuições, presidem ao sorteio dos alistados para a tropa, e cuidam dos negocios communs. Milheiros destes aldeões são

VOL. II.

empregadões na exploração das minas, nas manufacturas, e fabricas do estado; e até os alugam aos particulares, que os fazem trabalhar em diversos mûsteres. Antigamente era defeso aos fabricantes comprar servos; porém aboliu-se a prohibição, e lhes é permitido te-los, com a condição de lhes restituirem a liberdade passados dezoito annos de serviço, e de nos primeiros doze annos lhes darem sustento, casa, e vestuario, e nos seis restantes, além de tudo isto, um salario. O numero dos servos imperiaes d'ambos os sexos não passam talvez de quatorze milhões, porém os da nobreza excedem a vinte e um milhões. Os bens d'um proprietario russo não se avaliam pela sua extensão, mas pelo numero d'aldeões, ou d'almas, que nelles residem. Em 1808, e de novo em 1812, Alexandre 1.^o decretou que não podesse ser de futuro vendido, ou separado da terra que cultivasse, qualquer aldeão só per si, porém que poderiam ser transferidas familias inteiras d'uma parte do imperio para a outra; por isso depois da conquista da Crimea, da Bessarabia, e das provincias do Caucaso, se erigiram nestas regiões muitas aldeas novas, cujos habitantes vieram do interior da Russia.

E' do interesse do proprietario cuidar bem dos seus servos, porque destes depende a sua fortuna. Em caso de desgraça, ou de penuria, é obrigado a minis-

trar-lhes sementes e viveres até a seguinte colheita; e a lei o obriga a acudir aos velhos incapazes de trabalhar. As relações entre o senhor e os servos tem uma certa apparencia externa de benevolencia: o servo chama *pai* ao senhor, e este áquelle chama *irmão*, ou *filhos*, quando falla a muitos. A melhor condição é a dos servos de fidalgos opulentos, que de ordinario lhes permitem possuir consideraveis terras, ou exercitar artes e officios nas cidades, mediante uma contribuição por cabeça, que pagam sómente os homens. Muitos servos destes tem comprado propriedades, e edificado formosas casas bem adereçadas; cousa de que muito se ufanam os nobres opulentos, e a estes taes servos não dariam alforria por dinheiro algum.

Os servos mais miseraveis são os que pertencem a senhores, que não residem nos dominios, e passam nas capitaes a maior parte da vida; porque então são governados por intendentes, ou regedores barbaros, e cubigosos. É tambem ruim a condição dos servos da nobreza pobre, que tracta de augmentar seus tenues rendimentos á custa do trabalho dos subditos. O numero destes fidalgotes cresce todos os dias, em consequencia das leis russianas, que ordenam a partilha dos bens paternos egualmente entre todos os filhos, e porque os postos no exercito e os empregos civis conferem de direito o grau de nobreza. Para remedear porém este mal, o decreto imperial de 1822 só permite aos fidalgos das mais altas jerarchias a compra de servos para o futuro.

O povo russo é em geral rijo e vigoroso. Os habitantes do campo trabalham 14 horas por dia, na força do verão, sem mais refrescos do que pão e sal e uma botija de *quass* [1]: e d'inverno, com um frio de 15 a 25 gráus de Reaumur, vão em trenós conduzir provisões ás duas capitaes, e caminham ás vezes por dia cincoenta a sessenta *versstes* [oito a dez leguas proximate]. Ao povo russo de raro falta pão, excepto nos annos de fome geral; o seu paiz é abundante de trigos; tem innumeraveis rebanhos e manadas dos gados lanigero, cornigero, e cavallar: nas selvas acha immensa quantidade de caça, e nos rios grandissima copia de peixe. Portanto não carece dos generos de primeira necessidade; os objectos de luxo, excepto a cerveja, e a agua-ardente, lhes são desconhecidos; e afóra tudo isto ha terras incultas ainda, sufficientes para manter povoação triplicada ou quadruplicada da actual.

Os manjares dos camponeses da Russia differem algum tanto dos que se usam em outras regiões da Europa: talvez que o grande numero de jejuns ordenados pela igreja grega, dominante naquelle imperio, tenha contribuido para esta differença. Estes aldeões preferem de ordinario o peixe á carne; e não são apaixonados de alimentos vegetaes, posto que façam grande provisão de cogumelos, de pepinos, e de couves. A *potvinia* [sopa fria, ou migas compostas com hortaliças, peixe, e a sua bebida, a *quass*] é prato quotidiano de verão, usado até nas mezas opulentas. O pão mais geral é o de centeio: tres libras delle, uma onça de sal, e uma botija de cerveja bastam para manter o camponez nos trabalhos mais pesados, e o soldado nas marchas mais penosas. Outra iguaria muito estimada é o *tchi*, feito de couves picadas, agua, e unto de porco, ou manteiga de vacca; ou com azeite nos dias de magro, porque a gente do campo observa restrictamente as quaresmas, que são quatro na igreja grega, e todas de abstinencia de carnes, ovos, e lacticinios, como a nossa. A primeira precede a Páscoa; e na primeira semana della só é vedado o uso

(1) Bebida feita com agua quente, vasada por cima de farinha de centeio ou de cevada, e fermentada.

de carnes, e por isso lhe chamam *Maslonitha*, ou semana da manteiga; passa-se em festas e divertimentos; é o entrudo desta seita religiosa. A segunda quaresma dura desde a segunda feira do Pentecostes, ou festa do Espirito Sancto, até dia de S. Pedro, pouco mais ou menos. A quaresma chamada de Nossa Senhora é do 1.º a 15 d'Agosto. Finalmente a quaresma de S. Philippe começa a 15 de Novembro e acaba a 26 de Dezembro. Além destes dias de jejum, o são tambem todas as quartas e sextas feiras: de fórma que podem contar-se na Russia duzentos dias de abstinencia por anno.

Os vinhos, e aguas-ardentes estrangeiras estão hoje generalizados nas cidades e grandes povoações da Russia, occupando o logar das infinitas bebidas espirituosas nacionaes, que apenas ainda se usam nos campos. O chá é conhecido e tomado até pelas classes ordinarias; porém antes da sua introducção a bebida universal era o *ibitzen*, que o povo ainda presentemente usa muito; faz-se de certas plantas hortenses com gengibre, pimenta, e mel, tudo servido em agua, a qual se bebe como chá. Nas ruas de Moscow e de S. Peterburgo vende-se quente aos passageiros: é bebida corroborante e de aquecer, que sobretudo convem aos rusticos que vem ás feiras em tempos chuvosos ou de rigoroso frio.

Desde o meado do decimo sexto seculo que os russos conhecem o tabaco; e foi tão forte a paixão, que por elle tomaram, que foram inefficazes leis, e castigos severos para que o abandonassem. A imperatriz Isabel chegou a mandar homens tirar pelas egrejas as caixas aos nobres. Mas a prohibição decaiu, e o uso prevaleceu. Hoje é o tabaco cultivado nas provincias meridionaes do imperio.

Os banhos quentes são para os russianos de quaesquer classes uma necessidade absoluta; e tanto usam delles que abusam, até com manifesto prejuizo da saúde: e o que mais é, preferem os banhos de vapor, ou d'estufa. Quasi não ha povoação na Russia onde não haja destes banhos.

As barbas compridas, os vestidos talares, certas usanças barbaras foram gradualmente desaparecendo desde o reinado do civilizador Pedro o Grande. D'envolta com estas usanças foram as restricções que soffria o sexo feminino. As mulheres eram tractadas na Russia quasi á moda Asiatica: não lhes era dado fallar a homens; e só as podiam ver os parentes mais chegados. Nunca saíam á igreja senão ás festas mui principaes, e até a essas iam cobertas com veus compridos e tapados. Pedro 1.º prohibiu que as mulheres apparecessem com veus nas solemnidades publicas; e por meio de festejos populares, para os quaes convidava as familias dos nobres, conseguiu augmentar as relações de convivencia entre os dois sexos, facilitando a emancipação das mulheres na sociedade.

As donzellas russianas mostram muito artificio e bom gosto no arranjo do cabéllo; e no verão as camponezas entresacham as compridas tranças com grande variedade de flores. Mas logo que a cerimonia nupcial se celebra, é uso entre as casadas esconderem o cabéllo, que tapam com lenços de seda, d'algodão, ou de laã, segundo o estado da sua fortuna. Nas classes inferiores seria desdouro para uma casada apparecer em publico com a cabeça descoberta. As pessoas de jerarchia distincta fazem menos caso deste preceito. Conta-se que o antecessor do metropolitano actual de Moscow fizera uma severa admoestação a uma senhora nobre por se chegar ao altar com a cabeça descoberta.

No tempo da Russia pagaã era permittida a polygamia. *Uladimiro o magno* tinha 5 mulheres, e grande quantidade d'escravas na epocha em que se conver-

teu e baptizou, repudiando-as todas para desposar-se com a princeza grega *Anna*. Nos casamentos entre rusticos notam-se practicas supersticiosas, que sem duvida datam das eras do paganismo. Deste lote são, o medo de feitiços que prejudiquem os noivos, o officio do exorcista [*znatoki*] que annulla a influencia dos magicos, a cama de palha posta ao canto d'uma alcova que anteriormente não tivesse sido habitada, e o uso singular de, em a noite das nupcias, a mulher descalçar as botas ao marido, que lhe dá uma paulada nas costas em signal da auctoridade absoluta que passa a ter na mulher.

Estas e outras practicas estão d'ha muito abolidas entre as pessoas d'educação, e distinctas na ordem social; porém o povo das provincias sertanejas ainda está fortemente agarrado aos antigos usos.

Actualmente as ceremonias nupciaes dos russos são conformes ao rito grego; celebram-se á face dos altares, e consistem em tres actos solemnes, que antigamente se faziam em tres distinctas epochas, mas que ao presente se concluem no mesmo dia. O primeiro é a cerimonia dos esponsaes, ou a troca reciproca dos anneis dos noivos com promessa de amor e fidelidade. O segundo, a imposição das corôas, ou propriamente a cerimonia nupcial. O sacerdote explica aos contrahentes os deveres do matrimonio, exige de cada um delles o especial consentimento, e colloca na cabeça do esposo uma corôa, dizendo. "Eu corôo o servo de Deus F. pela serva de Deus F. em nome do Padre, do Filho e do Espirito Sancto." Depois practica a mesma cerimonia para com a esposa, *mutatis mutandis*: e a terceira parte da solemnidade consiste em reassumir o sacerdote as corôas, depois de alternadas, pronunciando esta oração. "Nós, servos vossos, ó Senhor, confirmámos o contracto, e concluímos a solemnidade do matrimonio, como em Caná de Galilea; e vos glorificámos, Padre, Filho e Espirito Sancto, agora e por toda a eternidade." As corôas n'outro tempo eram grinaldas de flores, mas hoje as igrejas teem duas d'ouro ou de prata, que servem para estes actos. Durante as quaresmas não se celebram matrimonios. A igreja grega também não permite contrair quartas nupcias.

Antes da introdução dos usos europeus, eram os paes quem celebrava o matrimonio, e os noivos viam-se pela vez primeira no acto dos esponsaes: costume que até na familia imperial se practicava. Pedro Grande o aboliu em 1700, fixou as edades para a celebração dos matrimonios, e facilitou os meios de se visitarem e verem os noivos. Em 1831 o actual imperador, Nicolau, prohibiu aos padres casarem mancebos com menos de dezoito annos, e raparigas de menos de dezeseis: esta disposição é extensiva aos protestantes, que habitam no imperio.

Os anniversarios do nome e do nascimento das pessoas, são duas grandes festas das familias na Russia, a que nenhuma das classes falta: são dias de convidar parentes e amisades; e este louvavel costume dá todos os annos alguns dias de regosijo ás familias por mais pobres que sejam. A gente do sertão ainda conserva o uso de partir, em cima da cabeça do individuo festejado, um grande bolo, ou folar de farinha e ovos: se uma grande porção delle lhe fica espalhada pela cabeça e hombros é signal de que gosará de boa saude, e de venturas no restante do anno. Quando os creados ou servos celebram os seus anniversarios, vestem o melhor fato, e vão a casa do senhor, a quem offerecem um pequeno presente de bolinhos, ou fructas seccas, e recebem em troco dinheiro para o seu festejo. As mulheres em vez de dinheiro dão um vestido, lenços, ou fitas.

Além destas festas particulares o povo russo tem

outras muitas que evidentemente se conhece serem restos de solemnidades pagaãs; como a festa dos ramos, que o povo miudo faz pelas ruas de S. Petersburgo dançando e cantando em bandos, com ramos nas mãos; e a vespera de S. João com suas fogueiras, que costumam também saltar ao nosso modo: nesta noite fecham-se os bezerros com as vacas para as bruxas não seccarem o leite, e não morrerem as crias; e os camponeses enramam com ortigas as frontarias de seus domicilios. Nas antevesperas do Natal também se fazem muitos folguedos, concertos, bailes, mascaradas, advinhações, e banquetes em honra dos sanctos, misturado tudo com ritos, e practicas, que bem mostram serem originadas de solemnidades do paganismo.

Logo que algum russo morre é costume lavar o cadaver com agua quente, vesti-lo com a melhora roupa, e deita-lo na tumba. Os ricos depositam os seus defunctos em grandes salas; os pobres contentam-se em pendurar-lhes por cima da cabeça a imagem de algum sancto. Até o momento dos funeraes lhes estão resando psalms sem cessar: então os parentes mais chegados e os padres, continuando a psalmejar, acompanham á igreja o defuncto, que leva na cabeça uma especie de corôa mais ou menos rica segundo suas posses. Alli lhe lançam a benção; e os amigos e parentes o abraçam pela ultima vez, pedindo-lhe perdão das offensas; depois disto lhe mettem na mão um bilhete, ou bulla de absolvição plenaria, e fecha-se o caixão. No acto de o sepultar o acompanhamento levanta clamor e choro; mas o uso das carpideiras está abolido ha muito, e só ainda se usa em alguns sitios da Russia-menor.

Em tempos mais antigos, como em outros muitos paizes, havia na Russia o costume de enterrar nas igrejas: porém um ukase [decreto] de 31 de Dezembro de 1731 mandou estabelecer cemiterios a distancias convenientes das povoações. Esta determinação foi confirmada por outra de 1772, pela qual se permittiu erigir juncto a cada cemiterio uma capella, ou igreja destinada para deposito, e para os ritos funebres. Actualmente só os frades são enterrados nas igrejas de seus conventos.

CULTURA DOS PINHEIROS DA CORSEGA E DOS PINHEIROS EM GERAL.

ENTRE as variedades da extensa familia dos pinheiros o da Corsega [*Pinus Larix* dos botanicos] é o que melhor se dá nos paizes comprehendidos na zona temperada, e até na zona quente, sendo ao mesmo tempo o mais proveitoso: isto pelas seguintes razões.

1.^o Porque a ilha de Corsega, paiz natal desta arvore, gosando da temperatura do primeiro clima, que apontámos, está também sujeita á do segundo naquella parte do seu territorio, que fica pouco elevada acima do nivel do mar.

2.^o Porque nos diversos logares da ilha sujeitos ás duas diversas temperaturas, existem pinheiros desta casta, extraordinariamente corpulentos, tanto em altura como em grossura; vindo por esta razão os botanicos que viajam na Corsega a classifica-los entre as especies agigantadas do reino vegetal. Refere o sabio Desfontaines, professor de botanica e physica vegetal, que, tanto nas montanhas de segunda ordem, como nos terrenos baixos, chãos, e arenosos da ilha de Corsega, se veem muitas vezes pinheiros de duzentos palmos de altura e trinta e dois de grossura.

3.^o Porque a madeira desta arvore, por consistencia, dimensões, e elasticidade serve excellentemente para a construcção civil, rural, e naval: e se os mas-

tros de pinho de Riga teem a vantagem de serem menos pesados, os de pinho de Corsega os excedem muito em duração e em resistirem melhor aos temporaes, por virtude da sua maior elasticidade, proveniente do excesso de resina, que entra na sua composição vegetal.

4.^o Porque o pinheiro de Corsega, tendo um crescimento menos vagaroso do que o de Riga, o de Bordéus ou de Leiria [*Pinus maritimus*] o de Alepo, o de Lord Weimouth ou do Canadá, o da Carolina &c., produz na idade de 30 até 40 annos madeira de grandes dimensões e rizeza, o que não se obtém, nas outras variedades referidas, em menos de 50 annos.

Os inglezes estimam sobre modo a madeira de pinho da Corsega, da qual teem grande provisão nos immensos depositos dos seus riquissimos, e bem ordenados estaleiros de Portsmouth; e os agronomos daquelle nação aconselham e promovem ha mais de 50 annos a plantação de bosques desta preciosa arvore. O pinheiro de Corsega, pela figura piramidal que formam os seus ramos, que crescem, como em andares, com bastante regularidade, e pela côr da sua rama que é mais clara e alegre do que a das outras castas de pinheiro, é arvore propriissima para ornar bosques de recreio no gosto da quinta de D. João de Castro, em Cintra.

Em Portugal tem-se ha cincoenta annos adiantado muito a cultura de varias castas de pinheiros, principalmente nos districtos da Feira, Aveiro, Coimbra e Leiria. Os beneditinos foram muito zelosos em os cultivar, mandando vir sementes de pinho de Flandres; e hoje ha excellentes pinheiros desta especie nas quintas de Rendufe, e de S. Romão, que pertenciam a mosteiros daquelle ordem. Seria porém conveniente que se formasse uma associação para introduzir no paiz as melhores qualidades de pinheiros, tendo o primeiro logar nas suas empresas e experiencias o da Corsega. A esta sociedade se deviam entregar todos os areas que correm beira-mar desde o Porto até a Figueira, para ella tractar de ir fazendo annualmente sementeira do pinisco ou pinhões, pelo modo indicado no compendio que sobre este ramo de agricultura publicou a academia real das sciencias. Assim, em poucos annos, se crearia uma nova riqueza, que viria a ser de grandissimo valor; porque poderia fazer com que muitas terras, em meio dos pinhaes, se reduzissem a cultura, e podessem ajudar a sustentar uma grande parte das povoações de pescadores, que não devem ser remotas dos logares ou parceis onde anda o peixe, acontecendo actualmente que os pescadores andam ou navegam por mais de uma legua para poderem exercer sua industria. A companhia que metesse hombros a esta empreza, crearia em 20 annos um capital immenso, não só de pinheiros, mas de resinas, que delles poderia mandar extrair. A maior parte da gente em Portugal não sabe, ou não quer aproveitar a resina dos pinheiros, o que é uma perda mui grande, podendo nós desse producto natural tirar notavel proveito, ainda que não fosse senão para o gasto dos nossos navios e barcos, e mais usos que dessa resina se fazem no paiz, não pagando assim aos estrangeiros o tributo que por tal genero lhe pagamos, e que não é pequeno.

Cuberta de pinhaes a grande extensão de areas da costa do mar desde o Porto até a Figueira, ficará a grande população contida neste territorio, a qual diariamente vae crescendo, com abundancia de lenhas para queimar, construir, e exportar pelas barras do Porto, de Aveiro, e da Figueira, além do producto das resinas. Poder-se-iam tambem fundar novas povoações, augmentar as antigas, e cultivar as terras que ficassem entre os pinhaes, e que se tornariam

muito productivas, por terem perto os mariscos e argaços com que se poderiam adubar. — Seria tambem mui proveitoso o semear os pinheiros nos vastos terrenos incultos, proximos do mar, que correm desde o pinhal de Leiria até a foz do Mondego, não só por conta das madeiras que dariam, mas em attenção a que ficariam assim amparadas as terras cultivadas do sertão contra as irrupções das aréas da costa, as quaes destroem muitas vezes as mais esperançosas searas.

Se no norte do reino esta plantação é utilissima, não o será menos no sul; porque o excessivo e diario augmento do preço do carvão em Lisboa é, sem duvida, procedido de duas causas: a primeira é a impossibilidade de abastecerem a capital as carvoarias do Alémtéjo; a segunda o costume de se gastar exclusivamente carvão feito de sobro, de carvalho e de cepa; quando aliás se pode fazer e gastar o carvão de pinheiro, que tambem é bom, e de que ao mesmo tempo póde haver abundancia, não só nas visinhanças de Lisboa, de um e outro lado do Téjo, mas egualmente a poucas leguas de distancia. O carvão de pinho era usado pelos gregos e romanos: estes povos, quando extraíam do pinho e de outras arvores do mesmo genero, a materia resinosa, em estado liquido, costumavam fabricar simultaneamente o carvão; practica esta que foi tambem adoptada pelas nações modernas.

O modo de fazer o carvão de pinho não differe do methodo vulgarmente usado para fazer o de outra qualquer lenha. Theophrasto diz que o carvão de pinho era na Grecia mais procurado pelos fundidores de metaes, do que o de carvalho, posto que fosse mais fraco do que este. Preferiam-no, porque se accendia mais depressa, e com maior facilidade, conservando o lume por mais tempo: e na verdade é preferivel principalmente ao de cepa, porque não espirra, e arde bem, ou só, ou misturado com as bollas de cisco.

Podia pois o carvão de pinho supprir a falta das carvoarias do Alémtéjo; e talvez que a introdução deste novo recurso fosse tambem um meio para salvar muitos carvalhos e sobros de grande prestimo para outros misteres, que a ignorancia e o desprezo em que no nosso paiz se teem as arvores, faz que sejam arrancados, e reduzidos a carvão.

Advirta-se em ultimo logar que os pinhaes em que se fazem córtes devem ser *desbastados*, mas não *arrazados*. Convém começar pelos pinheiros tortuosos, e de menos prestimo, arrancando-lhes tambem as raizes, que dão o melhor carvão. Não se deve ter a lenha cortada muito tempo, mas sim tractar logo de a metter nos fornos que para isto se usam. Cremos que as idéas que sobre a materia temos expendido, devem ser attentamente consideradas pelos possuidores de vastos pinhaes, e por todos aquelles cujo tracto é abastecer de carvão as grandes povoações do reino, principalmente Lisboa.

O VERDADEIRO ROBINSON.

POUCAS pessoas haverá que não tenham lido com delecte a historia de Robinson Crusoe. Este heroe de uma das mais populares novellas, não foi inteiramente um parto da imaginação. As aventuras do marinheiro Selkirk deram ao romancista De-Foe o typo para delinear o seu Robinson.

Em 1705 o capitão inglez Paulding, tocando na ilha de João Fernandes, pertencente á America, e distante 110 leguas da costa do Chili, ahí abandonou o marinheiro Selkirk, deixando-lhe os vestidos, a macha em que dormia, uma espingarda, alguns arrateis de polvora, tabaco, um machado, uma faca, uma cal-

deira, uma biblia e outros livros devotos, e alguns instrumentos de mareação. A principio, o desgraçado não se podia conformar com a sua situação; mas por fim habituou-se a viver solitario, até que a chegada áquella ilha do capitão Wood Rogers, fez com elle podesse voltar á sociedade dos homens, depois de quatro annos de solidão.

Elle tinha construido duas cabanas de ramos d'arvores, a alguma distancia uma da outra, cubrindo-as com certa casta de junco, e forrando-as com as pelles das cabras que ía matando, conforme lhe era necessario. Com a polvora accendia o lume, até que aprendeu a feri-lo com dois pedaços de páu de pimenta, roçando-os um pelo outro. A cabana mais pequena servia-lhe de cozinha: a grande para dormir, resar, e trabalhar. O páu da pimenta lhe servia ao mesmo tempo de archote e de lenha. Peixe não lhe faltava; mas, como o comia sem sal, causava-lhe frequentes disenterias. Os lagostins do rio, que eram savorosissimos, e as cabras, cuja carne era da melhor, constituiram durante os quatro annos quasi todo o seu sustento. Nos primeiros tempos da sua estada na ilha perseguiu estes animaes bravios, valendo-se da espingarda e munições que tinha; depois, quando se lhe acabou a polvora, adestrou-se de tal modo em correr, que as apanhava nos pincaros mais elevados, e as seguia de precipicio em precipicio. Esta caça era para elle um verdadeiro entretenimento. Por mais de uma vez correu atraz das cabras, apanhou-as, e as tornou a largar, depois de as ter marcado n'uma orelha. Rogers quiz experimentar a sua agilidade. Selkirk foi

caçar á vista delle, mostrou que era mais ligeiro que os melhores cães, e trouxe ás costas a presa, que tinha tomado ás mãos na carreira. Perseguido um destes animaes, certa vez, não reparou n'uma barroca, que estava tapada com uma garça, e despenhou-se no fundo do precipicio com a presa que fizera. Quando tornou a recobrar os sentidos achou a cabra morta debaixo de si.

Ainda que tinha de comer os alimentos sem sal, habituou-se finalmente a isso. A ilha creava nabos, sementeos talvez por outros europeus que ahí tivessem estado, e excellentes couves-flores que elle temperava com pimenta. Os çapatos e vestidos tinham-se-lhe logo gastado nas suas correrias por meio dos mattos; mas depressa se habituou a andar descalço: quanto aos vestidos, chegou a fabricar um barrete e uma especie de jaleco de pelle de cabra, que coseu com tiras delgadas de couro, servindo-se de um prego, que era a sua agulha. Para se distraír tinha ensinado a dançar e a brincar os gatos e os cabritos. Os seus mais crueis inimigos eram os ratos, que lhe vinham roer os pés, em quanto estava a dormir: para se descartar delles, amansou gatos bravos, sustentando-os com carne de cabra. Quando Rogers o recolheu a bordo tinha-se-lhe, por tal modo tolhido o uso da falla, que apenas pronunciava sons inintelligiveis. Recusava a aguardente, e esteve muito tempo sem poder provar as comidas temperadas á europea: mas quando a esquadra partiu da ilha, já Selkirk tinha pouco a pouco ganhado os seus antigos habitos, e sido promovido ao cargo de contramestre do navio do capitão Rogers.



VASOS ETRUSCOS.

Dos RESTOS, que até nossos dias chegaram, das manufacturas dos povos da remota antiguidade, poucos são tão notaveis como as peças de baixella em fórma d'urnas, ou os vasos, como de ordinario lhe chamam. Posto que o material de grande numero delles seja barro cosido, em todos reluz o artificio e delicadeza de quem os fabricára. Nestas obras d'olaria alcançaram grandissima perfeição as antigas nações: os romanos sobretudo nos deixaram vestigios dos seus progressos nesta manufactura, que pela elegancia da forma, e bom gosto dos ornatos, disputam primazia ás mais acabadas producções da arte moderna. O nosso dese-

nho mostra alguns dos vasos chamados etruscos, porque primeiramente foram descobertos na porção do imperio romano, chamada Etruria. São todos de barro vermelho, e geralmente cobertos com ornatos sobre um fundo preto. Vasos deste genero tambem se acharam na Sicilia, e nas ruinas das cidades da antiga Grecia; e como as pinturas, que os adornam, se referem a costumes, e á mythologia deste ultimo paiz, alguns auctores se inclinaram a dar-lhe o nome de vasos gregos. Todavia é indubitavel que os mais perfeitos, e formosos provieram da Etruria.

Os desenhos, que enfeitam estes vasos tem dado

grande auxilio aos historiadores e antiquarios, explicando muitas difficuldades dos usos e costumes dos tempos antigos, e ás vezes declarando pontos controversos da historia; e não só neste sentido, mas como modelos d'elegancia, tambem aproveitam aos alumnos das bellas-artes.

Diversos eram os usos para que estes vasos serviam. Nas festas, assim publicas como particulares, os punham como adorno em diversos logares, e os empregavam em varios misteres; tambem se davam como premios aos que obtinham ganho em diversos jogos. Outros eram distinctamente destinados para ceremonias religiosas: porém a maxima parte dos que se descobriram nos tempos modernos eram sepulchraes, e serviam para guardar as cinzas dos defunctos, que se apanhavam depois de queimados os cadaveres; costume que foi muito duradouro e practicado entre gregos e romanos. Apagado o fogo, e consumido com a fogueira o corpo, era obrigação do parente mais chegado borrifar com vinho as cinzas, ajuncta-las com os ossos que restavam, aspergi-las com perfumes custosos, e com as proprias lagrimas, e depois deposita-las n'uma urna, ou vaso, para este intento predisposta. Ainda que ás vezes se usava metter os ossos n'uma urna, e as cinzas n'outra, comtudo o mais geral era collocar os espolios do cadaver no mesmo receptaculo.

Os jazigos, ou para melhor dizer, mausoleus das pessoas mais distinctas, eram esplendidos edificios repartidos em camarins, pelas paredes dos quaes estavam collocadas as urnas em nichos numerosos. Em algumas destas, ainda que raras, se tem descoberto inscripções com o nome das pessoas a quem eram consagradas. Occorre um exemplo destes n'um vaso, que está no museu britannico, que tem no fundo gravado antes [ao que mostra] de cosido o barro, o seguinte letreiro. "*Meu caro Philo, adeus. Este vaso será collocado no segundo sepulchro.*"

Faziam-se tambem vasos de barro cosido para outros muitos differentes serviços, como *lampadas*, ou *candieiros*, *pateræ* [especie de pratos], para altares, &c.

PODER OCCULTO DOS OLHOS DAS COBRAS.

NA PROVINCIA, chamada *Long-Point*, no Canadá, se encontram certas cobras pequenas, que tem o poder de fascinar com a vista, mais do que quaesquer outras. Eis um factó referido ácerca disto por um viajante inglez.

"Um dia, diz elle, andava eu pelo matto: chegando á borda de um lameirão, vi ao de cima uma raã que andava fluctuando, ao que parecia, entorpecida: dei-lhe uma pancadinha com a bengala; e com grande admiração minha ella não se buliu: considereia mais attentamente; bocejava toda convulsa, e as pernas posteriores lhe tremiam: brevemente descobri uma cobra preta enroscada na borda do lameirão, a qual tinha subjugado a raã com o poder magico do seu olhar. Se voltava a cabeça para um ou para outro lado, a sua victima a seguia, como senhoreada por uma attracção magnetica. As vezes recuava um pouco, mas logo corria para diante, como arrastada por um desejo temperado de repugnancia. A cobra estava diante della, com a boca meia aberta, e não despregava um só momento os olhos de cima da sua presa; aliás, o encanto se quebraria no mesmo instante. Decidi-me eu a faze-lo, atirando com um grande pedaço de páu ao meio dos dois animaes: a cobra recuou; e a raã, mergulhando na agua, foi-se acoutar no lodo."

O mesmo viajante cita outras particularidades não menos curiosas. "Um lavrador me disse ter succedi-

do uma aventura semelhante a uma filha sua. Certo dia de verão em que fazia grande calor tinha ido estender roupa sobre umas garças que ficavam perto de casa. — A mãe, como ella lhe tardasse, e a visse parada a certa distancia e em pé sem fazer nada, chamou-a umas poucas de vezes. Em fim a mãe foi ter com ella, e achou-a pallida, immovel, e como pregada no logar onde estava: o suor corria-lhe em bica, e tinha os punhos cerrados por um movimento convulso. Uma grande cobra de cascaveis, estirada sobre um madeiro, defronte da rapariga, abanava a cabeça para um e para outro lado, sem, comtudo, despregar os olhos della. A mãe atirou uma arrochada á cobra, que immediatamente fugiu. — A rapariga, tornando a si, desatou a chorar: estava tão debil e agitada que nem se atrevia a andar."

JOÃO O ESFOLADOR.

DEPOIS da revolução franceza, como succede depois de todas as commoções violentas, que transtornam as sociedades, quebram as molas da administração e da policia, e interrompendo o commercio, a industria, e a agricultura, augmentam a miseria publica, formaram-se bandos de salteadores em muitos pontos do territorio francez, particularmente nas fronteiras, onde a facilidade de escapar ás perseguições passando de prompto de um paiz para outro, lhes assegurava uma especie de impunidade.

Alguns cabeças destes bandidos competiam na fama com os classicos Cartouche e Mandrin, e houve um que se lhes avantajou. Foi este João Buckler, chamado *Schinderhannes*, isto é, *João o Esfolador*.

Independente da energia e da audacia, primeiras qualidades requeridas, *Schinderhannes* possuía algumas dessas virtudes poeticas, que Schiller attribue aos seus salteadores. Todas as scenas em que *Schinderhannes* representou o principal papel, não são pois scenas de assassinios, roubos, e dissoluções; accidentes variados, caprichos de amor delicado, de lealdade cavalheiresca, de generosidade nobre, e de compaixão, transformam algumas vezes o chefe dos esfoladores em heroe de romance.

As margens do Rheno, desde Moguncia até Colonia foram theatro das acções de *João o Esfolador*. Com o nome de *Schinderhannes* proferido com ameaças conseguiam as mães aquietar os meninos mais travessos. Ao nome de *Schinderhannes*, os judeus, [que eram a caça da sua predilecção] tremiam no centro da cidade a mais bem guardada. A uma intimação de *Schinderhannes* davam-se pressa os lavradores a pagar-lhes os impostos por mais pesados que fossem, porque os ladrões do Rheno impunham *contribuições negras*, á semelhança dos montanhezes da Escocia. Finalmente a um convite de *Schinderhannes*, não hesitavam os camponeses em vir, com as suas familias, e nos trajos mais ricos, assistir ás festas brilhantes que algumas vezes davam os esfoladores, e dançar ao som da flauta de *Schinderhannes*.

Schinderhannes morreu da morte natural d'um salteador. Não tinha mais que vinte e quatro annos quando foi decapitado em Moguncia, com dezenove dos seus soldados. Não o desamparou a sua energia, e o seu extraordinario character não se desmentiu na terrivel prova do interrogatorio. Ufano da attenção geral que despertava, não cuidadoso da propria defeza, applicou-se com affinco e talento a desculpar uma menina de boa familia, que subjugada pela sua fama, viera entregar-se-lhe á disposição, e elle tomára por companheira.

Schinderhannes, quando esteve preso, em 1803, ti-

nhá escripto a Buonaparte, pedindo-lhe lhe deixasse expiar a vida passada, guiando ao combate um bando de soldados aventureiros, que marchariam na vanguarda. Se Buonaparte o tivesse visto talvez lhe perdoasse, porque a alma de *João o Esfolador* não era uma alma vulgar. Foi por vingar-se d'um ultraje publico, qual o de ter sido açoitado em castigo d'uma rapaziada, que declarou guerra á sociedade.

CULTURA DAS CEBOLAS E DOS ALHOS NOS AREÁES,
PRINCIPALMENTE NOS QUE CONFINAM
COM O MAR.

A ALDEA de La Tranche, situada defronte da ilha de Rhé, faz em cebolas e alhos um commercio assaz consideravel para tão pequeno terreno; quasi que não passa semana sem que os seus habitantes transportem para esta ilha ou para La Rochelle, grande quantidade destas raizes, que são vendidas ás embarcações estrangeiras. Jaz a aldêa juncto de medões d'arêa movediça; cultivam-se as arêas que entre estes medões estão abrigadas dos ventos violentos, quentissimos no estio. Os alhos e as cebolas dão-se alli optimamente, e lançam raizes mui compridas e fartas, que se estendem algumas vezes em todas as direcções até a distancia de dois pés. Estas arêas devem a sua grande fertilidade ás materias que o mar arroja áquellas praias. Costumam os habitantes junctar as dictas materias, e espalhar uma mediocre porção dellas pelas arêas que querem semear. Depois de podres, lavram-se as arêas, e semcam-se as cebolas e os alhos. Estas raizes adquirem em menos tempo mais grossura do que teem as cultivadas nas hortas.

PODER DE UM NOME.

A NOVELLA de D. Quixote é a que talvez tem tido no mundo maior numero de leitores; traduzida em todas as linguas, multiplicada por um grande numero de edições em cada uma dellas, é tão conhecida pelo povo humilde da França ou da Inglaterra, como pelo hespanhol. Com mais razão se póde dizer de D. Quixote, o que um escriptor nosso dizia da folhinha; que era o desespero de todos os auctores; porque nenhum seria nunca tão lido.

No tempo da guerra dos francezes na Peninsula, os exercitos de Napoleão, atacados continuamente pelos guerrilhas, que combatiam fugindo, e que não perdoavam a inimigo algum que lhes caísse nas mãos, vingavam-se queimando as villas e aldêas por onde passavam, correndo a Hespanha á luz dos incendios, segundo o costume immemorial dos heroes.

Um grosso de francezes chega certo dia a uma aldêa: iam incendia-la; perguntam, porém, como se chama. *El Toboso*, foi a resposta. Uma risada geral sôa immediatamente por todas as fileiras; as armas, por assim dizer, caem das mãos dos invasores, e os felizes compatriotas de Dulcinea, escapam á carnificina e ao incendio, protegidos pelo genio immortal de Cervantes.

O MARQUEZ COUTEIRO.

ENTRE Moulineaux, la Vacherie e la Bouille, nas abas da matta de Rouvray, se ergue o solar d'uma familia, muito illustre, cujo nome rasões particulares obrigam a omitir. Alli aconteceu em 1829 ou 1830, um phenomeno muito curioso para a epocha da conservação dos caprichos aristocraticos. O filho primogenito da casa, um d'esses homens que Walter-Scott

gostava de pintar francos, energicos, honrados, e dotados de assombrosas forças, tinha amado e seduzido a criada-grave de sua mãe. Quando Julia appareceu pejada, [parece-me que se chamava Julia] o primeiro veio ter com seus paes, trazendo pela mão aquella a quem diante de Deus já tinha dado o titulo de esposa, e disse-lhes:—Meu pae e minha mãe, eis-aqui tendes a mulher a quem amo, e que traz no seio o penhor do meu amor. Abençoai-nos a ambos. — Offende-se o orgulho feudal; chamam domesticos, e ordenam-lhes que a agarrem e vergonhosamente a ponham fóra do palacio. O filho presenceava a scena com os braços cruzados, porém quando os criados, animados pelo seu silencio, ousaram pôr mãos em sua mulher, agarrando uns delles com cada uma das mãos os languou pela janella fóra, e depois saiu intrepido, e coberto, elle e Julia, de maldições no presente e no futuro. Seis mezes decorreram sem que tornasse a ver seus paes. Por fim, o pae e a mãe, vencidos da sua inabalavel pertinacia, lhe mandaram propor que edificasse uma cabana nos bosques, com terreno em redor, que cultivaria a seu arbitrio, e onde habitariam, sem comunicação alguma com a familia. Outorgaram-lhe sómente que viesse jantar em palacio, nos domingos, porém sosinho, pois aquella a quem lhe era doce chamar sua mulher estava irrevogavelmente destinada á clausura. Aceitou a primeira mercê, e regeitou a outra. Tendo depois fallecido seus paes ficou elle sendo o chefe da familia, e então vieram seus irmãos fallar-lhe afim de convida-lo para abrirem junctos o testamento paterno, ao que elle respondeu estas palavras: “ Já não sou nobre, já não sou vosso irmão; meu pae com a sua maldição me fez plebeu; seja feita a vontade de meu pae. Por tanto senhores condes e barões, direito algum allegarei na vossa presença, porque a sombra de meu pae estremeceria no fundo da sepultura. Com a minha herança engrossai a vossa; mas fazei-me todavia algum beneficio. Sou homem de honra e caçador; dai-me o logar de couteiro geral das vossas mattas, com o mesmo salario que tinha o que acaba de morrer. É quanto quero: nem mais nem menos.” — Os irmãos mais moços cumpriram os desejos do primogenito, e se quando passeardes pelos bosques que assombram la Bouille encontrardes um homem rude de feições, de colossal estatura, taciturno, melancolico, com uma sobre-casaca verde aos hombros, uma espingarda debaixo do braço, e uma faca de matto pendente d'um boldrié com armas, saudai neste homem o marquez de E. . . que está sendo o guarda das herdades de seus irmãos.

SUPERSTIÇÃO DOS MARINHEIROS GREGOS.

MR. Z. . . ., partiu de Odessa para Constantinopola a bordo de um bergantim grego, isto haverá vinte annos. — Era de inverno; e apenas tinham largado o panno, começou a ventar de feição, mas com extrema violencia, e de envolta com um nevoeiro cerrado daquelles que tão frequentes são no Mar-Negro durante a estação invernosa. Corria o navio rapidamente, mas os que nelle iam, não alcançavam com a vista uma vara adiante de si. Chegaram por fim, segundo o calculo do capitão, perto do perigoso *Boghaz*, ou boca do estreito canal do Bosphoro [a menos de 20 milhas de Constantinopola]; mas o caso estava em transpôr esta acanhada garganta. A cada instante podiam ir dar consigo nos rochedos da costa, e nem sabiam se tinham descaído para o lado da Asia, ou para o da Europa. A cerração pesava em cima, e ao redor delles, e nada podiam enxergar! — A sua situação seria apurada até para marinhei-

ros mais entendidos; porém não foi nem na sciencia, nem na destreza, mas sim n'um milagre que elles pozeram a esperanza da salvação.

Começaram por accender mais lampadas a S. Nicolau, seu advogado, que estava posto no logar mais honorifico da camara: apoz isto sacaram de uma caixa dois famosos cirios, benzidos e sanctificados na egreja da sua terra: aqui principiou uma estrepitosa e longa contenda, enfeitada com juras e pragas, ácerca de qual dos dois cirios havia de servir; um benzido pelo Natal, e outro pela Paschoa. Por fim venceu-se á maioria de votos que se accendesse o da Paschoa. Assim se fez, e o cirio se poz no fundo de uma grande cabaça ouca: abriram nesta alguns buracos na parte superior, e ficou dentro o cirio, como em uma lanterna. O rir em tal momento, á vista desta cerimonia, teria custado caro a Mr. Z...; porque os marinheiros desvairados pelo medo atirariam com elle ao mar, como a um hereje incredulo; mas ouvindo dizer que se ía pôr a cabaça sobre as vagas, e que se dissiparia a cerração, se o cirio continuasse a arder, ainda que fosse por pouco tempo, conhecendo quão vantajoso era reanimar a coragem dos marinheiros, e vendo que o cirio estava a apagar-se por falta de ar, propoz modestamente que se abrissem mais alguns respiradouros no alto da cabaça, para lhe entrar dentro mais ar. Esta intervenção de um homem, que pertencia a differente commnhão [a catholica], não foi tomada á boa parte, e menoscabou-se a advertencia. A lanterna, pregada no meio de uma taboinha, foi lançada, com toda a cautela, sobre as ondas agitadas; mas apenas chegou á superficie da agua, apagou-se. Um grito de desalento seguiu-se ao infausto acontecimento. Que restava a fazer? — Passou-se algum tempo em consultas, e assentou-se por fim em accender o cirio do Natal, o que se ía practicar, quando, caso raro, subitamente mudou o vento, e desfez-se a cerração, que encobria o mar. Então viram claramente, em curta distancia, pela prôa, o cabo Zarabournu, que está do lado da Europa, e a róta que deviam seguir no canal do Bosphoro. Segundo a gritaria e prantos que fizeram, era indubitavel, que elles proprios tinham tido por baldada a cerimonia do cirio; mas, passado o perigo, não houve despersuadi-los de que elle tinha sobrenadado acceso — que isto, e sómente isto, dissipára o perigoso nevoeiro, e que nada havia tão milagroso como um cirio da Paschoa.

A NOBREZA PESSOAL.

REFERE-NOS Heródoto que Amasis, rei do Egypto, vendo nos primeiros dias do seu reinado que não era reverenciado dos subditos, por haver nascido na classe dos plebeus, e pertencer a uma familia obscura e desconhecida até então, empregou um meio ingenhoso para induzir os egypcios a tributarem-lhe o respeito, que elle julgava ser-lhe devido.

Entre grande numero de moveis magnificos, possuía uma bacia d'ouro, em que elle e quinze convidados costumavam lavar os pés. Ordenou que a quebrassem, e com os fragmentos fizessem um idolo, que mandou collocar no sitio da maior concurrencia da cidade; e eis os egypcios acudindo logo a rodear a estatua, e a darem-lhe demonstrações da maior veneração. Informado Amasis do acontecido, congregou os egypcios, e revelou-lhes a origem do idolo que adoravam. “Esta estatua, lhes disse elle, foi feita de uma bacia que servia para lavar os pés, e que muitas vezes foi empregada em usos mais vis; todavia vós a adorais. A historia desta bacia é tambem a minha: fui originariamente um simples plebeu,

porém se depois mereci ser vosso rei, como tal tenho jus aos respeitos e homenagens.

A HISTORIA é o thesouro da vida humana. Imaginae em que horrorosas trévas e em que lamaçal de ignorancia bestial e pestifera estariamos mettidos, se as recordações de tudo o que se fez ou aconteceu antes de nós nascermos, estivessem inteiramente abolidas e extinctas. — *Amyot.*

Anno
de
J. C.

SEMANARIO HISTORICO.

Maio 13

1559 — Os reis do Malabar, ligados contra nós, accommettem com um poderoso exercito a fortaleza de Cananor. Os sitiados com o soccorro de mais 400 portuguezes de uma armada que alli chegára, repellem o inimigo, que, segundo os nossos historiadores, perdeu no ataque perto de 15:000 homens: o combate durou desde as 3 horas da manhaã até as 4 da tarde.

1832 — O barão Cuvier, celebre geologo e naturalista francez, fallece de idade de 63 annos.

14

1610 — Henrique 4.^o de França é assassinado por um fanatico chamado Ravallac, em consequencia de ter concedido tolerancia e liberdade de consciencia aos protestantes.

1669 — Morte de Sallo o inventor dos jornaes litterarios, o primeiro dos quaes foi o *Journal des Sçavans* [Diario dos Eruditos] e que começou a sair em 1665. — É de notar que este jornal ainda dura.

15

1472 — Fundação do hospital de S. José em Lisboa.

16

1122 — Batalha de Trancoso, em que elrei D. Afonso Henriques desbaratou o rei mouro de Badajoz.

1703 — Pedro o Grande funda a cidade de S. Petersburgo.

1796 — O Dr. Jenner começa a practicar a vaccina.

1811 — Batalha de Albuera, na Hespanha, em que os portuguezes, hespanhoes e inglezes, commandados pelo marechal Beresford, derrotaram os francezes, commandados por Soult.

17

1727 — Morte da celebre Catharina 1.^a, imperatriz da Russia.

18

1498 — Chega Vasco da Gama á cidade de Calecut.

1636 — Os hollandezes attacam a cidade da Babia com grande poder, e depois de um terrivel combate são rechaçados, com grande perda, pelos portuguezes.

19

1536 — A rainha Anna Bolena, mãe da grande Isabel, é degollada por ordem de seu marido Henrique 8.^o de Inglaterra. Este no dia immediato ao do supplicio d'Anna Bolena, que foi a sua segunda mulher, casa com Joanna Seymour.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal
N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.